Colaboração além da investigação: como podem os cientistas cooperar numa economia comunitária?

Martim de Freitas · 03.08.2026

ECOLOGIA · ECONOMIA

A ciência é o maior projeto colaborativo da humanidade. Como podemos colocá-la ao serviço de um novo olhar sobre a economia? A resposta pode estar no cooperativismo.

A ciência é o maior projeto colaborativo da humanidade. Bancos de dados públicos, revisão por pares, projetos partilhados: tudo são bons exemplos de como o apoio mútuo é o verdadeiro motor da investigação.

No entanto, a transformação deste caldeirão de conhecimento em produtos/serviços segue sempre a via privada e desconectada dos muitos investigadores que contribuíram para a pesquisa, dos trabalhadores que fabricam estas soluções e das comunidades que as utilizam. Concretamente, seguem o modelo de *start-ups*, cuja dependência inicial de grandes investidores e de lucro rápido e elevado faz com que apenas projetos altamente rentáveis avancem, levando também a que muitas destas soluções venham com preços incomportáveis para quem mais precisa. Não deixa de ser necessário também criticar o modelo público de financiamento da investigação, que negligencia a ciência fundamental, é centralizado e pouco democrático e privilegia projetos de grande escala, esquecendo as comunidades locais.

É da necessidade de superar o modelo *investigação pública, produto privado* que nasce o novo conceito de *cooperativas de pesquisa e desenvolvimento (P&D).* As cooperativas são empresas nem públicas, nem privadas, mas daquilo a que se chama o «terceiro setor», caracterizadas pela adesão livre, gestão democrática e distribuição proporcional de lucro, ou seja, mecanismos de colaboração. No caso da P&D, o foco está na união de investigadores, professores, alunos e membros da comunidade interessados em pesquisar s obre tópicos que têm relevância social, mas que não se encaixam num modelo lucrativo de alta expansão. É importante não confundir com o conceito de ciência cidadã, cujo foco é o envolvimento das comunidades na recolha de dados e a educação. As cooperativas de P&D dão o próximo passo: aplicam na esfera económica as boas práticas da colaboração em ciência.

Mas de que forma as cooperativas de P&D são vantajosas face às atuais alternativas?

Primeiro, democratizam a investigação, descentralizando-a e trazendo à participação um leque de membros da comunidade. Isto remete para a segunda grande vantagem: permite que a pesquisa tenha um objetivo claro e de necessidade imediata, respondendo a problemas locais que de outra forma ficariam em segundo plano, por não serem muito lucrativos ou de interesse global. Assim, há um retorno

garantido que é independente da capacidade de acesso a tal produto/solução por parte do consumidor.

> As cooperativas de P&D democratizam a investigação, descentralizando-a e trazendo à participação um leque de membros da comunidade. Isto remete para a segunda grande vantagem: permite que a pesquisa tenha um objetivo claro e de necessidade imediata, respondendo a problemas locais que de outra forma ficariam em segundo plano, por não serem muito lucrativos ou de interesse global. Assim, há um retorno garantido que é independente da capacidade de acesso a tal produto/solução por parte do consumidor.

Tomemos o seguinte exemplo fictício que tem lugar em Almada, onde o cooperativismo já é histórico: um grupo de agricultores das Terras da Costa quer adotar um cultivo sustentável, mas desconhecem como adaptar o solo e as técnicas existentes. Entram em contacto com investigadores da NOVA-FCT que reconhecem tratar-se de uma ideia importante e criam em conjunto uma cooperativa *multissetorial* (ou seja, que tem atividades de várias áreas), dedicada a pesquisar boas práticas de cultivo nesta comunidade e a produzir produtos de origem responsável.

No entanto, esbarram no primeiro problema: **investimento**. Investigadores e comunidades por si só não têm fundos suficientes para financiar infraestruturas e logística. Procuram empréstimos, concursos, mas estas opções são rejeitadas dada a escala limitada do projeto. Então, pensam no conceito base desta iniciativa: a colaboração. Decidem integrar uma *confederação* que reúne várias cooperativas de agricultores, que funcionam em rede e fornecem apoio para pequenos projetos sustentáveis. Estabelecem parcerias com associações de agricultores que conhecem projetos similares noutros locais e conseguem partilhar experiências passadas. Contactam a autarquia local para procurar um maior envolvimento comunitário e financiamento de pequena escala.

Ultrapassado este desafio, a P&D resultou num volume de conhecimento que permitiu aos agricultores aplicarem a sua ideia com sucesso e começarem o cultivo, mas surge um segundo problema: a **sustentabilidade económica** do projeto. Os agricultores têm dificuldades em vender e valorizar os alimentos cultivados e a atividade de P&D está sem rumo, limitando o retorno financeiro. A solução passa de novo pela colaboração, mais concretamente pela *expansão*. Os agricultores, dentro da confederação que integraram, começam a levar os seus alimentos a locais de transformação em outros produtos de valor acrescentado, com a secção de P&D a investigar como os pode melhorar. Também decidem integrar uma *cooperativa de consumo* (supermercados) onde podem mais facilmente vender em diversas lojas. O modelo prospera e outras comunidades decidem replicá-lo, ampliando a rede e o conhecimento partilhado.

> As cooperativas de P&D podem ser uma realidade que valoriza o trabalho dos investigadores, ao mesmo tempo que criam soluções concretas e dinamizam a comunidade. Numa estrutura não isolada, como o atual modelo de *investigação pública, produto privado*, mas sim multissetorial, que abrange a

> pesquisa, produção e venda.

As cooperativas de P&D podem ser uma realidade que valoriza o trabalho dos investigadores, ao mesmo tempo que criam soluções concretas e dinamizam a comunidade. Numa estrutura não isolada, como o atual modelo de *investigação pública, produto privado*, mas sim multissetorial, que abrange a pesquisa, produção e venda. Apesar de existirem casos reais que se regem por princípios similares, como a Open Source Ecology ou comunidades rurais do Quénia, ainda não estão estabelecidos modelos cooperativos sustentáveis e de longo prazo, muito por lutarem por recursos contra *start-ups* que têm de crescer rápido e a todo o custo.

E assim se estabelece uma economia comunitária, assente no princípio mais belo da ciência: a colaboração.

Progressistas — https://progressistas.pt/artigo/colaboracao-alem-da-investigacao-como-podem-os-cientistas-cooperar-numa-economia-comunitaria